

HETERESSEXUALIDADE DÚBIA NA RECLUSÃO FEMININA

Eixo Temático 13 – Estudos Críticos das Heterossexualidades

Luciene Rodrigues Batista Teixeira ¹
Marcelo Rodrigues Batista ²
Adriana de Souza Medeiros Batista ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sexualidade e gênero de mulheres em confinamento. Utilizam-se relatos no contexto do encarceramento – a história de um homem transgênero, que sempre se identificou com o gênero masculino; e outro, de mulher que encontra a homossexualidade somente no contexto de reclusão, mas que não a assume para fora dele. Considerando as demais mulheres participantes da pesquisa, demonstram a necessidade de afeto e contato físico que as levam a contestar a própria heterossexualidade. Confrontam-se com a proibição do sistema à relacionamentos íntimos entre internas. Aborda-se as dificuldades estabelecidas tanto pela instituição quanto aos sentimentos contraditórios: entre a necessidade de contato físico e a defesa do espaço pessoal, frente a convivência forçada.

Palavras-chave: Heterossexualidade; Encarceramento, Gênero, Homossexualidade.

INTRODUÇÃO

O método proposto dentro da denominação APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados é considerado alternativo ao sistema prisional comum, tem propósitos na humanização das prisões sem negligenciar o aspecto punitivo da pena. Considera relevante “o envolvimento comunitário, que possibilita à sociedade ter

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, lucebatista@yahoo.com.br;

² Mestrando do Programa de Pós-graduação de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, mrodriguesbatista@gmail.com;

³ Professora do Programa de Pós-graduação de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Universidade Federal de Minas Gerais, adriananuclear@yahoo.com.br.

consciência sobre o problema da violência, da criminalidade e da real situação das prisões e daqueles que nela vivem” (FONSECA, RUAS, 2016, p. 107). Dentro deste contexto foi desenvolvido o presente trabalho, resultado da experiência de um projeto de extensão que se coloca enquanto voluntário de uma unidade apaquiana, com mulheres em cumprimento de pena em regime fechado.

Em encontros semanais no formato de roda de conversa foram levantadas várias temáticas relacionadas ao cotidiano destas mulheres. O foco desta ação esteve voltado a troca de ideias, valorização individual e autoestima. Assim mesmo, como propôs diálogo orientado para questões levantadas pelas próprias mulheres, permeou vários temas de interesse das mesmas e, entre eles, ao da intimidade, do contato físico ou ausência dele. Em um intrincado sistema de valores morais, opções de gênero e sexualidade, chegou-se aos seguintes questionamentos: poderia uma interna se sentir atraída fisicamente por outra, mesmo tendo para si a percepção de ser heterossexual? Poderia vivenciar esta experiência e ainda sim se considerar heterossexual quando estiver em liberdade?

Estes questionamentos foram estabelecidos em particular por uma das internas, chamadas dentro do sistema de recuperandas, que compartilhou seus sentimentos em relação a uma companheira de detenção. Abriu espaço para discussão sobre a construção social da identidade de gênero e sexualidade, de como adotamos com facilidade a heterossexualidade e o sexo biológico. E como esta heterossexualidade pode, por fim, ser confrontada em algumas situações muito específicas, como a vivenciada pelas mulheres que estão cotidianamente vivendo em um ambiente em que supostamente predomina a identidade feminina. Sendo assim, um relacionamento entre internas se daria, em tese, no âmbito da homossexualidade feminina.

Dentro desta discussão surgem outras: o questionamento sobre sua própria heterossexualidade se deu somente como uma adaptação ao ambiente? Para suprir as necessidades de afeto e contato íntimo com outra pessoa? Ou seria somente o despertar de sentimentos suprimidos pelo social? Observa-se que, entre as internas, existem diferentes identidades de gêneros estabelecidas, assim como preferências sexuais. No entanto, mostrou-se particularmente surpreendente para esta recuperanda se ver em um relacionamento com outra mulher.

Assim, neste trabalho são abordadas falas das recuperandas sobre contato íntimo, necessidades físicas e emocionais. Apresenta-se de forma pontual dois relatos, um

relacionado a identificação com o gênero masculino, bem anterior a vida em reclusão; e o outro no encontro com sentimentos ambíguos quanto a própria sexualidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma discussão pautada na Análise Fenomenológica Interpretativa (do termo em inglês: Interpretative Phenomenological Analysis – IPA) enquanto método qualitativo que tem o propósito de investigar como as pessoas dão sentido às suas experiências de vida mais significativas (TOMBOLATO, DOS SANTOS, 2020, p. 295).

Nas pesquisas fundamentadas na IPA “a tentativa do(a) participante de dar sentido ao que está acontecendo consigo leva o(a) pesquisador(a) a uma perspectiva interpretativa, portanto, orientada pela hermenêutica” (TOMBOLATO, DOS SANTOS, 2020, p. 297). Neste sentido, os trabalhos desenvolvidos dentro desta abordagem metodológica considera que “os relatos que os(as) participantes apresentam vão refletir as suas tentativas de dar sentido às suas experiências” (TOMBOLATO, DOS SANTOS, 2020, p. 297).

Parte-se de encontros entre os pesquisadores e mulheres internas do sistema APAC, conduzidos para um diálogo das vivências experimentadas no regime de reclusão e seus desafios cotidianos. Em vários destes encontros a temática do contato físico entre as recuperandas veio à tona como assunto delicado em dois aspectos: da necessidade do contato físico; e das restrições impostas pela instituição que o definem como comportamento impróprio.

Neste cenário, surgiram questionamentos sobre a sexualidade, das relações entre as recuperandas no contexto de privação da liberdade, das dubiedades encontradas na definição da sexualidade e gênero. Apresenta-se em especial o caso relatado por uma das recuperandas, de ter estabelecido um relacionamento com outra interna, embora se considere heterossexual.

É também abordada parte da história de vida relatada por homem transgênero, que sempre se identificou com o gênero masculino e cumpre pena em unidade APAC feminina. São acrescidos com comentários de outras recuperandas que estiveram presentes nos encontros, sobre as restrições impostas pela instituição ao contato físico entre elas. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP-UFMG), CAAE 46925821.5.0000.5149.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Souza (2018) aborda a desigualdade na qual estão inseridas as pessoas que se identificam fora da cis-heterossexualidade enquanto uma questão de justiça social, de imposição que se reflete na cis-heteronormatividade (DE SOUSA, 2018, p. 1). Segundo ele, desde pequenos somos criados em padrões hegemônicos, desde os valores binários do menino e da menina no ambiente escolar, quanto a divisão sobre o que são coisas de menino e o que são coisas de menina. Assim, “ao invés da ‘naturalidade’ estar ligada ao fato de que cada criança pode gostar de coisas diferentes, independente de gêneros e/ou sexualidade, a ‘naturalidade’ acaba sendo vista na divisão de meninos e meninas e o que está historicamente predestinado nos papéis sociais de cada um” (DE SOUSA, 2018, p. 4).

Esta imposição social se encontra bem delimitada na história de vida relatada por João (nome fictício). Conta que foi “jogado” pela mãe na porta de sua professora onde tinha costume de passar seu tempo com o filho da mesma. Segundo o relato “*então ela ia me adotar pois só tinha filhos homens e queria uma menina. Então dos nove aos onze anos vivi na casa dela mas tive que sair de lá pois não queria ser menina*”. Em continuação relata idas e vindas entre a casa da mãe biológica e da avó. “*Como desde criança nunca me identifiquei como menina comecei a namorar com uma moça um pouco mais velha, então minha avó me pegou e levou a casa da mãe dessa moça e pediu para ela tomar conta de mim*”.

A dificuldade de aceitação por parte da família, as múltiplas vezes em que foi abandonado por ser o que é, por sua opção de gênero, é uma constante em relatos de pessoas que não se enquadram na cis-heteronormatividade. “Todas as pessoas estão expostas às vulnerabilidades, mas quando se trata de transexuais, essas vulnerabilidades se sobrepõem e se multiplicam cotidianamente” (DA SILVA, *et al.*, 2021, P. 5). No que se refere à sua vida sendo um homem-trans-heterossexual na unidade feminina da APAC não houve queixas específicas, uma vez que estava casado no momento da prisão, não se mostrando disponível a relacionamentos dentro da unidade.

Por outro lado a recuperanda Maria (nome fictício) relata que sempre foi heterossexual, tendo um relacionamento estável fora do sistema de reclusão. No entanto, conta que sente necessidade de afeto e que, aos poucos, sentiu-se afetivamente ligada a

uma companheira de carcere. Estabeleceu um relacionamento correspondido, mas que em liberdade não se considera homossexual. Assim, apresenta confusão entre sentimentos, necessidades físicas e afetivas. É possível distinguir sua busca por aceitação social, o que a impede de considerar a homossexualidade, ou mesmo bissexualidade, para quando retornar ao convívio familiar e em sociedade.

Outras recuperandas reforçam que sentem falta do contato íntimo. No entanto, houve relatos de recuperandas que se incomodam com a proximidade das demais, evitando abraços e contatos físicos. Isto pode se relacionar à proteção da sua intimidade, tão violada pela convivência coletiva com estranhos. Assim, dentre as opções que não estão disponíveis, parecem valorizar a delimitação de um espaço pessoal. Vale ressaltar que, em rigor, não é permitido abraços entre as recuperandas, sob pena de perderem “pontos” de uma contagem relacionada a boa conduta. No entanto, relatam que muitas vezes a equipe de segurança faz “*vista grossa*” à algumas aproximações.

No que se refere a instituição a intimidade física entre as recuperandas é fortemente reprimida. Maria, por exemplo, foi afastada de sua companheira de relacionamento, sendo realocadas para não haver mais convivência entre elas. Justificaram esta separação alegando que relacionamentos afetivos no cárcere tendem a conduzir para situações de violência, por ciúmes ou atritos de relacionamento. De fato, algumas recuperandas relataram que a convivência forçada e rotineira potencializa sentimentos extremos. Contam que “*ali dentro tudo fica muito intenso, amam demais, odeiam demais*”, concordando que todos estão com os sentimentos “*à flor da pele*”, o que pode conduzir à situações difíceis de serem controladas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca de experiência com mulheres encarceradas conduziu a relatos sobre intimidade, contato físico e envolvimento emocional. A APAC enquanto método restringe o contato através de um sistema de controle de conduta, penalizando abraços e proximidade física. Justificam pelo necessário controle dos eventuais conflitos decorrentes dos relacionamentos eventualmente estabelecidos. As recuperandas reconhecem as dificuldades no controle de sentimentos dentro da rotina de confinamento.

No entanto, percebe-se a necessidade emocional e física de contato e de se sentirem importantes para alguém no cotidiano. Isso conduz a casos considerados

“excessão”, ou seja, abrem mão da sua certeza quanto a heterossexualidade anterior à prisão, para esabelecerem relacionamentos homossexuais. Assim mesmo, parecem não estarem dispostas a assumirem esta mesma conduta fora da prisão, preservando sua heterossexualidade em sociedade. Homens transgêneros que estão internos na unidade feminina não relatam desconfortos ou conflitos em decorrência de seu gênero, o que não necessariamente se relaciona com a realidade contrária, ou seja, da eventualidade de uma mulher transsexual estar cumprindo pena em unidade masculina. Esta pode ser uma abordagem para estudos futuros sobre a transsexualidade no sistema prisional.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Francisca Vilena et al. O cotidiano de pais e mães de pessoas transexuais em um Estado do Nordeste do Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, p. e5410816824-e5410816824, 2021.

DE SOUSA, Victor Pereira. Desconstruindo a cis-heterossexualidade: uma perspectiva decolonial. *ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, v. 16, n. 1, 2018.

FONSECA, Carlos Eduardo Prates; RUAS, João Esteves. O método APAC- associação de proteção e assistência aos condenados- como alternativa à crise do sistema prisional brasileiro. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)*, v. 4, n. 2, p. 96-123, 2016.

TOMBOLATO, Mário Augusto; DOS SANTOS, Manoel Antonio. Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI): fundamentos básicos e aplicações em pesquisa. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 26, n. 3, p. 293-304, 2020.